



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SINTHIA DE ABREU VITOR

**A REPRESENTAÇÃO DA CRIANÇA NO FRONTISPÍCIO DA REVISTA O TICO-TICO
(1905-1909)**

BRASÍLIA

2020

SINTHIA DE ABREU VITOR

**A REPRESENTAÇÃO DA CRIANÇA NO FRONTISPÍCIO DA REVISTA O TICO-TICO
(1905-1909)**

Trabalho conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Etienne Baldez Louzada Barbosa

BRASÍLIA

2020

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

dV845r

de Abreu Vitor, Sinthia

A representação da criança no frontispício da Revista O Tico-Tico (1905-1909) / Sinthia de Abreu Vitor; orientador Etienne Baldez Louzada Barbosa. -- Brasília, 2020.

52 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de Brasília, 2020.

1. Representação: a criança e infância no Novecentos. 2. Marcas Infantis: as capas da Revista O Tico-Tico. I. Baldez, Etienne, orient. II. Título.

**A REPRESENTAÇÃO DA CRIANÇA NO FRONTISPÍCIO DA REVISTA O TICO-TICO
(1905-1909)**

Trabalho conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Etienne Baldez Louzada Barbosa.

Data de aprovação:

Prof.^a. Dra. Etienne Baldez Louzada Barbosa – FE/UnB
Orientadora

Prof.^a. Dra. Lajara Janaína Lopes Correa
Examinadora

Prof.^o. Dr. Francisco Thiago Silva
Examinador

Prof.^a. Dra. Monique Aparecida Voltarelli
Suplente

Dedico este trabalho a todos que de alguma forma, direta ou indiretamente, me auxiliaram no percurso deste, mas em especial a minha querida Orientadora Etienne, porque sem ela, eu não conseguiria concluir essa difícil e tão importante fase acadêmica da vida.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por me permitir escrever este trabalho e me dar forças para vencer todas as dificuldades encontradas ao longo do caminho para conseguir chegar até aqui.

Aos meus pais, Leomar e Vilmair por me apoiarem e me amarem não só durante essa longa graduação, mas por persistirem em continuar comigo uma vida inteira. Por nunca terem medido esforços em me proporcionar um ensino e uma vida toda de qualidade e principalmente de muito amor e carinho. A vocês toda a minha gratidão.

Ao meu irmão Pedro Henrique por todo o companheirismo, cumplicidade e suporte em todos os momentos da vida e por ter me permitido ensinar e aprender tanto.

A uma das minhas pessoas favoritas, Isabela Vitor, aquela que de uma prima querida se tornou irmã na vida. Essa que tenho tanto a agradecer e ainda não consegui descobrir como.

Um agradecimento mais que especial a minha querida e amada Amanda, minha companheira no amor, na amizade e na vida, que me viu passar por tantas turbulências na graduação e na vida e tem sido sempre meu porto seguro e ponto de paz diário. Agradeço também por cada dia que continua me escolhendo para estar a seu lado e também por estar sempre comigo.

As minhas segundas, terceiras e tantas outras famílias que tenho comigo, que me acolheram, amaram e apoiaram: Tânia e Sebastião; Liberto, Sirlei, Sthefani e Cristal; Walkiria e Wanessa; Levenir, Marina, Isabela e João Pedro; Ana Maria, José Carlos, Attila, Andressa e Thiago; e aos meus amigos muito queridos que também fazem parte dessa imensa família que tenho.

À Suzie, que além de me apresentar uma excelência profissional indiscutível, me permitir aprender tanto com seus discursos e atendimentos na escola e me fazer amar a educação e não me deixar desistir do curso, também abriu espaço na sua vida para que nos tornássemos grandes amigas dentro e fora da escola.

A todos os professores que tive durante a vida e que auxiliaram na minha educação. Em especial, àqueles que trabalharam comigo e auxiliaram na minha formação profissional: Danielle Cardoso, Adriana Copertino, Amanda Barros, Laila Maioli, Isabela Pereira e Analu Andrade.

A uma professora em especial, Thais Mascarenhas, que foi um dos meus pilares durante essa longa pandemia e compartilhou comigo vários choros, surtos e risos nesse momento tão difícil e turbulento.

A um aluno em especial cujo nome não posso citar, que me fez compreender a importância da singularidade de cada um não apenas dentro da escola, mas também fora dela, e me ensinou também a amar todas essas peculiaridades.

Às instituições de ensino São Camilo (Cristalina-GO), Sítio da Tia Emília (Anápolis-GO), Turminha Esperta (Anápolis-GO), Imaculada Conceição (Anápolis-GO), Arthur da Costa e Silva (Matrinchã-GO), Doutor Negreiros (Nerópolis-GO), Galileu (Anápolis-GO) e Universidade de Brasília que foram essenciais na minha formação e por todo o conhecimento transmitido nessa longa caminhada de ensino.

Às instituições de ensino Centro Educacional Sigma, Maple Bear Canadian School e Jardim de Infância 305 Sul por me oferecerem a oportunidade de aprender e evoluir como profissional da educação.

A minha professora e orientadora Etienne Baldez que fez mais por mim do que apenas ser minha orientadora. Fez muito além do que podia e até não podia para me assistir nesta finalização da graduação. Agradeço por toda a paciência, dedicação, carinho e apoio e por esse coração imenso e maravilhoso que tens.

Aos Professores Doutores Monique Voltarelli, Lajara Janaina Correa e Francisco Thiago Silva por aceitarem o convite como banca examinadora e por disporem de seu tempo e me concederem a oportunidade de apresentar esse trabalho de conclusão de curso.

A todos aqueles que contribuíram e participaram de alguma forma, direta ou indiretamente, na minha formação e nesse trabalho de conclusão de curso.

RESUMO

Por vários séculos, a criança tem sido enxergada como uma miniatura de adulto (ARIÈS, 1986), onde estes projetavam todas as responsabilidades da vida adulta nos 'ticos' de gente. No decorrer do tempo histórico, essa visão de infância foi se alternando e modificando, como em uma linha em espiral, mas que manteve, atualmente, o entendimento de que há um distanciamento do mundo da criança com o mundo do adulto. A observância de estudos sobre a história da infância, ainda que de forma muito resumida, aqui nos auxilia na compreensão de como os pequenos eram vistos no Brasil, no início do Novecentos, ao ser pensado para eles, como leitores e possíveis consumidores, uma revista com diferentes temas. Essa revista, de nome O Tico-Tico, é apontada pela historiografia como a primeira voltada para o público infantil no Brasil. Publicada na capital da República, Rio de Janeiro, circulou por seis décadas (1905-1962), com alterações em temas e formatos de capas. Olhar para essa revista neste trabalho é atentar-se não para o seu conteúdo, mas para o seu frontispício, com o intuito de perceber nele as representações de criança pequena. O frontispício é a primeira folha impressa de uma revista, o 'cabeçalho', aquele que aparece em todas as edições. Usando uma metodologia de cunho historiográfico, este trabalho percorre as capas da revista 'O Tico-Tico' com o objetivo geral de identificar como o frontispício apresenta a criança na revista. Seus objetivos específicos foram realizar o mapeamento bibliográfico, que se deu nos *sites* da BDM, CAPES e SciELO, onde nenhum trabalho similar a este tema foi encontrado; e compreender os usos e significados de um dos frontispícios da revista 'O Tico-Tico' que aparece durante os anos de 1905 a 1909, onde, após análise da autora, se chega ao resultado de que este frontispício representa apenas os meninos de cor branca e de famílias ricas. Uma leitura do conteúdo da revista permite identificar que ela se destinava, na grande maioria de temas, para crianças maiores, que já sabiam ler. Todavia, no seu frontispício, durante muitos anos, a criança representada era a pequena, que provavelmente estaria ainda nos jardins de infância e que ainda não saberiam ler tudo que na revista estava publicado. Tal percepção acaba por demonstrar que trazer crianças pequenas em seu título, entre outras possíveis interpretações, era apresentar à sociedade uma concepção de leitura agradável, ingênua, delicada, divertida, própria para aqueles que ainda não tinham obrigações no mundo social, político e econômico.

Palavras-chave: O Tico-Tico; Frontispício; Representação; Criança; Infância.

ABSTRACT

For several centuries, the child has been seen as a miniature adult (ARIÈS, 1986), where they projected all the responsibilities of adult life in “*ticos*” of people. Over the course of historical time, this view of childhood has alternated and changed, as in a spiral line, but which currently maintains the understanding that there is a distance between the world of the child and the world of the adult. The observance of studies in the history of childhood, although very briefly, here helps us to understand how little ones were seen in Brazil, in the beginning of the Nineteenth Century, when a magazine was thought for them, as readers and possible consumers, with different themes. This magazine, called “O Tico-Tico”, is identified by historiography as the first one aimed at children in Brazil. Published in the capital of the Republic, Rio de Janeiro, it circulated for six decades (1905-1909), with changes in themes and cover formats. To look at this magazine in this work is to pay attention not to its content, but to its frontispiece, in order to perceive in it the representations of small children. The frontispiece is the first printed paper of a magazine, the ‘header’, the one that shows in all the editions. Using a historiography methodology, this work goes through the cover of the magazine ‘O Tico-Tico’ with a main goal of identify how the frontispiece presents the child on the magazine. The specific goals were do the bibliographic mapping on BDM, CAPES and SciELO websites, which none similar work of this theme was found; and comprehend the uses and meanings of one of the frontispieces of the magazine ‘O Tico-Tico’ that appears during the years 1905 to 1909, which after the author’s analysis, it comes to a result that this frontispiece only represents the white boys of rich families. A reading of the magazine's content allows us to identify that it was intended, in the vast majority of themes, for older children, who already knew how to read. However, in its frontispiece, for many years, the child represented was the small one, who would probably still be in kindergartens and who would not yet know how to read everything that was published in the magazine. Such perception ends up showing that bringing small children in their title, among other possible interpretations, was to present society with a conception of pleasant, naive, delicate, fun reading, proper for those who still had no obligations in the social, political and economic world.

Keywords: Tico-Tico; frontispiece; representation; child; childhood.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - O Tico-Tico, primeira edição disponível no Acervo Digital	32
Imagem 2 - O Tico-Tico, capa da primeira edição	33
Imagem 3 - O primeiro modelo de frontispício	41

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - O Tico-Tico em estudos científicos	19
Quadro 2 - As idades da vida	26
Quadro 3 - Um padrão de frontispícios	35
Quadro 4 - A diversidade de frontispícios	36
Quadro 5 - Observação de um frontispício	42

SUMÁRIO

MEMORIAL	13
INTRODUÇÃO.....	16
1 REPRESENTAÇÃO: A INFÂNCIA E A CRIANÇA NO NOVECENTOS.....	23
1.1 Infância e criança na História	23
1.2 Infância e criança no Brasil	28
2 MARCAS INFANTIS: AS CAPAS DA REVISTA O TICO-TICO.....	30
2.1 Nem só com pássaro se representa uma revista infantil.....	31
2.2 O primeiro frontispício da Revista O Tico-Tico	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	49

MEMORIAL

Meu nome é Sínthia, com 'S' mesmo, tenho 24 anos, sou filha de uma psicopedagoga não atuante, Vilmair, um servidor público de nome Leomar e tenho um irmão mais novo, estudante de Relações Públicas da UFG, que se chama Pedro Henrique. Meus pais são casados, mas há cerca de 5 anos moram separados durante a semana: meu pai está comigo em Brasília - eu pelo estudo e ele por ter sido transferido - e meu irmão e minha mãe moram em Anápolis pela faculdade dele.

Não tenho muitas memórias de minha infância e vida escolar, mas algumas delas sei que impactaram intensamente minha escolha de curso e de tema. Uma das minhas lembranças mais fortes é a "escolinha" que eu e mais duas primas iniciamos na fazenda dos meus avós maternos. Eu lia muitos dos meus livros didáticos e também historinhas infantis e buscava outros mais, para poder planejar atividades bem diversificadas para meus alunos - os meus primos mais novos que eu subornava com doces e os obrigava a participarem da escolinha.

Recordo-me de gostar ainda mais de gibis e revistas infantis por ouvir meu irmão mais novo lendo, em sua maioria gibis da Turma da Mônica, de forma tão teatral e bem cheias de expressões... Ele incorporava toda a leitura em suas falas e gestos e não perdia um detalhe sequer da história. Não tinha como não amar a leitura quando se vivia e sentia ela daquela maneira.

Mudei-me para Brasília há 7 anos por ter sido aprovada em Pedagogia na UnB e antes do meu pai se mudar para Brasília também há 5 anos, eu morava com meu padrinho paterno e a família. Nesta época, eu estudava na UnB de manhã e era estagiária do Centro Educacional Sigma da L2 Norte à tarde.

Enquanto trabalhei no Sigma, não tive contato com a sala de aula e sim com a Orientação e Coordenação. Foi por causa deste estágio que conheci Suzie e me apaixonei pela educação. Suzie foi admitida na escola 1 mês após eu ter entrado e me adotou como sua assistente, sua 'filha de profissão', e me carregava para qualquer segmento que a colocassem. Por causa dela não desisti do curso e consegui vislumbrar um futuro na Pedagogia. Ela me ensinou tudo do seu dia-a-dia e me permitia participar de várias de suas reuniões com pais, professores e alunos. Após as reuniões, me

explicava tudo que havia acontecido ali e o porquê de ela ter conduzido o atendimento daquela maneira. Foi uma experiência e aprendizado incríveis!

O meu estágio no Sigma não é o motivo do meu tema de conclusão de curso, mas foi a base para que eu persistisse na área da educação. Após a saída de Suzie do Sigma, decidi também por sair de lá, já que era ela meu único motivo de ainda trabalhar na escola, e então fui em busca de outro emprego.

Fui admitida como estagiária na Maple Bear Canadian School no ano de 2016, uma escola bilíngue situada no SIG/Sudoeste, e foi lá que tive contato direto com as crianças dentro de sala de aula. Foi uma experiência completamente diferente da que eu estava acostumada, onde eu só tinha contato com as crianças nos intervalos e quando estas apareciam na Coordenação/Orientação, e comecei a ver um outro lado da escola, onde eu experienciei a rotina completa dos alunos.

Na rotina da Maple Bear, leitura é algo diário para as crianças. Claro que na prática com os imprevistos da turma, nem sempre se consegue ler todos os dias, mas, na maioria das vezes, a leitura acontece diariamente. No meu primeiro ano em sala de aula, trabalhei em uma turma de IK (Intermediate Kindergarten), ano final da Educação Infantil, mas não tive uma boa experiência com a equipe e isso me isentou da realidade Maple Bear de leitura e também do resto da rotina, pois as profissionais com quem trabalhei não estavam comprometidas com o trabalho.

Em meu segundo ano de sala de aula e último como estagiária, trabalhei com uma turma de JK (Junior Kindergarten) e nesta turma, a leitura para os alunos era com a professora diariamente e, nos dias de biblioteca, a bibliotecária fazia a leitura. Para mim, era um dos momentos mais emocionantes da semana, pois ela nos envolvia, eu e os alunos, em toda a sua graça ao ler. Além desses momentos na biblioteca, um momento bem marcante nas leituras com a professora da turma foi na Semana Literária, onde o tema foi “Os Três Porquinhos” e cada turma do JK foi escolhida para fazer uma casinha (palha, madeira e tijolos) dos porquinhos. Além disso, foram contadas várias versões dessa história para as crianças e a cada versão contada, eu me apaixonava mais pela literatura para crianças.

Terceiro ano de sala de aula e segundo ano de JK, fui professora assistente de uma professora que amava e seguia à risca o programa Maple Bear, então era raridade

não ler um livro no dia para a turma. Por vezes o intervalo sofreu atrasos por causa da hora da história. Não tinha como não me apaixonar mais ao ver aquelas carinhas das crianças se encantando e aprendendo tanto com as histórias.

No meu quarto ano de sala de aula, 2019, a experiência foi bem diferente e ainda mais encantadora. Fui escalada para ser assistente de um aluno com sugestão de laudo de autismo e altas habilidades no 1º ano do Ensino Fundamental. Vivenciei a importância da leitura durante a alfabetização das crianças e vivi duplamente essa experiência, pois a alfabetização era em inglês e português. Além dessa experiência maravilhosa, esse foi o ano em que tive que, dentre todas as opções, escolher um tema para meu trabalho de conclusão de curso.

Durante todo meu percurso de estudante universitária, entre trancos e barrancos, a vida acadêmica teve uma participação diferenciada com o tema. Poucas foram as disciplinas que trouxeram conteúdos voltados para a literatura infantil, mas das poucas que falavam desta temática tão importante na vida da criança, quase sempre traziam livros e revistas e os próprios autores das mesmas, instigando o aluno a participar de forma ativa daquele momento provocando um interesse ainda maior com a literatura.

Os temas diversos tomavam conta do meu pensamento: experiência com aluno autista dentro de sala de aula, musicalização na Educação Infantil, alfabetização no 1º ano do Ensino Fundamental, projetos literários nas escolas públicas, a importância da família na educação da criança e vários outros temas. Todos me enchiam de emoção e isso dificultava ainda mais escolher por apenas um.

Literatura para crianças foi a decisão final, enfim e, em conversa com minha querida orientadora Etienne, ela me sugeriu a Revista O Tico-Tico. Com a sugestão da revista, comecei a lembrar como as revistas infantis foram essenciais na minha infância, no meu amor pela leitura, no aprimoramento da leitura e até na relação com meu irmão que amava ler e que, por causa dos gibis, nos conectamos muito mais.

Acatei a sugestão da professora e, primeiro, pensei em dissertar sobre a importância da Revista O Tico-Tico em sua época mas, dentre as várias ramificações discutidas que poderiam ser pesquisadas sobre a revista, me interessei pela representação da criança no frontispício da Revista O Tico-Tico e, com isso, surge o tema para o presente trabalho.

INTRODUÇÃO

Este estudo se volta para o acompanhamento da publicação da revista “O Tico-Tico: Jornal das Crianças”, que circulou na cidade do Rio de Janeiro a partir do ano de 1905. O Tico-Tico¹, a primeira revista em quadrinhos a surgir no Brasil e voltada para o público infanto-juvenil. Virou grande referência em quadrinhos por muitos anos, mas a partir da década de 30, alguns quadrinhos estrangeiros começaram a tomar conta do universo dos quadrinhos no Brasil e, como a revista O Tico-Tico não conseguiu acompanhar as mudanças para poder se manter no mercado, sua fama começou a enfraquecer e deu ainda mais espaço para os quadrinhos estrangeiros ascenderem no mercado brasileiro. (FNDC, 2006).

Em 1957 a revista O Tico-Tico diminuiu suas publicações e deixou de ser semanal, pois os super-heróis estrangeiros estavam conquistando grande parte do mercado com suas histórias completas. A revista foi perdendo o alcance e decaiu tanto que, na década de 60 começou a publicar apenas almanaques. Suas publicações foram encerradas por completo no ano de 1962. A Biblioteca Nacional Digital (BNDigital) mantém grande parte do acervo dessa revista em seu *site* (FNDC, 2006).

Alguns trabalhos têm se voltado para a compreensão de diversos elementos dispostos na revista O Tico-Tico, tais como: representações femininas na revista (PATROCLO, 2019), a importância da literatura na formação da criança (MARINHEIRO; MOURA; PERES, 2012; MENNA, 2012), a postura educativa da revista (VERGUEIRO, SANTOS, 2008), entre outros. Aqui se pretende ampliar o conhecimento sobre a revista com uma discussão a partir da análise das suas capas, que perduraram durante quase seis décadas de sua circulação (1905-1962), mas especificamente uma análise em seu primeiro modelo de frontispício, que se deu de 1905-1909.

Quando buscamos o significado da palavra “frontispício”, esta encontrada no dicionário on-line *Priberam*, vemos os seguintes resultados: “1 - [Arquitetura] Frontaria Principal. 2- [Arquitetura] Parte anterior do pórtico. 3 - [Encadernação] Primeira folha impressa de um livro que traz o nome do autor e o título = Fachada, rosto. 4 - [Informal] Cara” (FRONTISPÍCIO, 2020). O terceiro resultado dos significados do dicionário acima

¹ Ao longo do presente estudo utilizaremos apenas o nome inicial da revista: O Tico-Tico.

é o que se enquadra com o objeto de estudo do presente trabalho, onde será analisada a imagem da primeira folha impressa que fica no topo da capa da revista. Em nome mais comum, o frontispício é o ‘cabeçalho’ da revista, onde em todas as edições este aparece para indicar qual revista estamos apreciando.

Como um estudo historiográfico, este se utiliza de autores e conceitos da História Cultural - como Roger Chartier (1990; 2010) e Michel de Certeau (2011) - com a discussão sobre práticas e representações. Nesse sentido, concordando com Thaís Fonseca, “a história da educação não tem fronteiras a definir com a história cultural. Antes, utiliza seus procedimentos metodológicos, conceitos e referenciais teóricos, bem como muitos objetos de investigação” (FONSECA, 2003, p. 59).

A partir do *site* da Biblioteca Nacional (BRASIL, 2015), com as edições digitalizadas da revista O Tico-Tico dispostas no acervo da Hemeroteca Digital e da revista física que adquiri via internet, pude captar quais os conteúdos que compõem a revista: história, geografia, ciências, artes, civismo, passatempos, adaptações de contos, mapas educativos, concursos literários, fotografias e desenhos dos leitores, enigmas, concursos e as famosas histórias em quadrinhos.

Como o periódico é de mais de um século atrás, muitas edições não puderam ser resgatadas e levadas também para o modo digital. A Biblioteca Nacional, em celebração do centenário de lançamento do periódico, produziu uma grande exposição e hoje, possui ao menos uma edição para cada ano de circulação da revista em seu Acervo Digital (BRASIL, 2015).

A leitura de alguns números da revista O Tico-Tico e a percepção de como ela era apresentada nas capas, para além do seu conteúdo, instigou-me a considerar as informações diretas das imagens, aquilo que o editor lançava como atração primeira, que agradaria as crianças, os jovens e, principalmente, os adultos, pois eram eles que financiaram as leituras. A revista fazia parte do semanário ilustrado O Malho, que poderia ser assinado por semestre (8\$000), ano (15\$000) ou comprado o número avulso, por 300 réis².

² No número 121, de 07 de janeiro de 1905, foi publicado o preço das assinaturas, sendo discriminadas por ano, com preços de interior (15\$000) e exterior (20\$000) e por semestre (interior - 8\$000). Segundo o detalhamento para os assinantes, “as assinaturas começam sempre em janeiro ou julho e terminam em junho e dezembro de cada ano. A importância das assinaturas deve ser remetido em carta registrada ou

Em trabalho sobre a evolução dos preços e do padrão de vida na cidade do Rio de Janeiro, autores demarcam que, em 1903, “o operário de fábrica de tecidos (...) ganhava em média 78\$000 [setenta e oito mil réis] e pagava de aluguel de casa, para família de quatro pessoas, pertencente à fábrica, 60\$000, sendo necessário que a mulher e dois filhos também trabalhassem (...)” e que tecelões tiveram seus salários reduzidos de 1\$300 e 2\$000 por dia para 600 a 1\$000 por dia, em 1908 (LOBO, *et al*, 1971, p. 256). Essas informações de salários de classes mais baixas nos permite problematizar para que criança ou jovem se destinava a revista. Qualquer um teria condições de comprá-la? E, se tratando de crianças pequenas, ainda no início da escolarização, como se daria a leitura? O que primeiro chamaria atenção das crianças na revista?

Considerando que nós adultos, muitas vezes, quando pegamos um exemplar de revista ou livro, seja ele científico ou não, nos atentamos ao título, a capa como um todo e depois passamos para as demais informações e conteúdos internos, a criança não teria também esse primeiro modo de olhar? Essa atenção aqui é entendida de forma semelhante à apontada por Pereira e Rios (2016) quando tratam das capas da Revista *Atualidades Pedagógicas*: a capa funcionaria como aquela que detém “aspectos estetizantes”, ou seja,

Dispositivos de estetização presentes nas imagens, ou seja, aspectos que, de alguma forma, têm a capacidade de produzir efeitos estéticos sobre os sujeitos observadores. Trata-se de buscar identificar elementos que, de algum modo, podem interferir na formação da sensibilidade, na produção de certo modo de ser (PEREIRA, RIOS, 2016, p. 190).

Desse modo, olhar para as capas e para o título da revista, pode se configurar como um modo de compreender a percepção de criança e de educação, representadas pelos editores por meio das imagens ali dispostas. E assim surgiu a questão que deu origem a esta pesquisa: que representações de criança e de sua educação

em vale postal, para a Travessa do Ouvidor nº 7 e 9 ou na Rua do Ouvidor nº132” (O MALHO, 07/01/1905, s/p). O preço avulso foi publicado na capa do número 122 da revista O Malho, de 14 de janeiro de 1905 (O MALHO, 14/01/1905). Todavia, Costa e Almeida (2017, p. 103) pontuam que o preço da revista era 200 réis.

comparecem nas capas e, principalmente, no frontispício da revista O Tico-Tico: Jornal das Crianças?

Formulado o problema de pesquisa, o **objetivo geral** é identificar como o frontispício apresenta a criança na revista O Tico-Tico (1905-1909). De acordo com o traçado central, os objetivos específicos são: realizar o mapeamento bibliográfico; compreender os usos e significados do frontispício da revista O Tico-Tico.

O recorte temporal aqui inicia em 1905 e pausa ao final de 1906 e, após este ano, tem uma breve aparição no ano de 1909, finalizando o recorte, quando o design do primeiro frontispício da revista é alterado em alguns detalhes diferentes. A decaída da revista se iniciou na década de 30, com o aparecimento das HQs de aventureiros e também de super-heróis no mercado brasileiro e seu declínio prosseguiu com a criação da televisão. Como O Tico-Tico manteve sua característica de revista com personagens 'ingênuos e bem intencionados' (VERGUEIRO, 2014) e não acompanhou as mudanças sociais com seu forte entretenimento, eventualmente se tornou ultrapassada e seu fim foi inevitável (BRASIL; VERGUEIRO, 2014; VERGUEIRO; SANTOS, 2008).

Metodologicamente, este trabalho, de cunho historiográfico, percorre as capas da revista O Tico-Tico, não somente pelo *fio do nome* da referida, como também pela constituição de representações de criança e infância nela contidas. Usando os descritores "O Tico-Tico" e "frontispício" nos *sites* da Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília (BDM/UnB) (2002-2012), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (1800-2020) e Scientific Electronic Library Online (SciELO) (2008-2016) encontrou-se alguns trabalhos. O quadro a seguir permite visualizar os estudos encontrados nestes espaços digitais e que tenham uma ligação com o tema do presente trabalho:

Quadro 1: O Tico-Tico em estudos científicos

AUTOR (A)	TÍTULO	OBJETIVOS	ANO	FONTE
Mauro César Bandeira de	A importância das histórias em quadrinhos para a	Discutir a importância das histórias em quadrinhos na educação e também o	2007	BDM

Oliveira	educação	desenvolvimento de uma disciplina de Criação em Arte Sequencial no currículo dos cursos de Graduação em Artes Visuais, Design e Comunicação.		
Thiago Bruno dos Santos	Dupla identidade: a cultura nacional nos quadrinhos de super-heróis brasileiros	Analisar como ocorre a influência da representação da identidade cultural nos quadrinhos brasileiros do gênero de super-heróis.	2011	BDM
Carlos Herold Junior	Corpo e educação no escotismo a partir da revista O Tico-Tico (1921-1933)	Analisar a importância da educação corporal no interior do escotismo nas primeiras décadas do século XX.	2015	CAPES
Ivan Lima Gomes Roberta Ferreira Gonçalves	Imagens de uma República infantil: Ângelo Agostini nas revistas O Malho e O Tico-Tico	Refletir sobre a atuação de Ângelo Agostini em duas grandes publicações da Primeira República: as revistas O Malho e O Tico-Tico.	2016	CAPES
Luciana Borges Patrolo	As mães de famílias futuras: a Revista O Tico-Tico e a formação das meninas brasileiras (1905-1925)	Abordar as representações femininas presentes na revista O Tico-Tico.	2019	CAPES

Marilda Lopes Pinheiro Queluz	Ciência e Tecnologia nos mundos imaginários de Yantok	Refletir sobre as Aventuras de Kaximborn, de Max Yantok, publicadas na revista O Tico-Tico, entre 1911 e 1913.	2016	CAPES
Carmen Lúcia Soares e Fernanda Theodoro Roveri	Entre laços, rendas e fitas, onde estão os botões? As roupas de crianças e a educação do corpo (década de 1950)	Analisar o lugar das roupas na educação do corpo de meninas e meninos usando como fonte principal as revistas O Tico-Tico e Cirandinha.	2015	CAPES
Rodrigo Xavier	Fernando Pessoa em publicações periódicas brasileiras (1926, 1931, 1935)	Identificar publicações de textos do poeta Fernando Pessoa que foram divulgados ainda durante sua vida.	2020	CAPES

Fontes: BDM, CAPES e SciELO

No *site* da BDM, usando “O Tico-Tico”, dos quatro trabalhos encontrados, dois deles estão citados no quadro e os outros dois trabalhos, sem ligação com o tema, falam de um estudo do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros como maior atrativo do Ecoturismo e o outro faz uma análise da relação entre Gastronomia, Cultura e Cinema. Nenhum trabalho foi encontrado com o descritor “frontispício”.

No *site* da CAPES, obtivemos quinze resultados com “O Tico-Tico”. Seis destes resultados estão contemplados no quadro acima e, os outros nove trabalhos, não consegui encontrar os textos. Alguns deles encaminharam-me para outro link onde não consegui encontrar o trabalho citado no *site*, outros eram trabalhos repetidos e outros ainda levaram-me para um site indisponível. Com o descritor “frontispício”, obtive trinta

e quatro resultados e, em todos eles, a palavra frontispício era apenas uma citação nos textos.

Em última busca com “O Tico-Tico”, no *site* SciELO, o único resultado apresentado foi o de um trabalho do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, também encontrado no *site* da BDM. Já com a palavra “frontispício”, em todos os quatro resultados obtidos na busca, seus textos usavam a palavra descrita com sua definição voltada para a arquitetura, como em fachadas de monumentos.

É possível perceber que, embora a revista O Tico-Tico faça parte do escopo de algumas pesquisas e estudos científicos, ainda não foi investigado o frontispício e a forma como nele já se enfatiza que a revista se volta para o público infantil. Nesse sentido, ainda cabe um estudo, como o que aqui se apresenta, que se volte para essa intenção investigativa.

Feita esta primeira apresentação deste estudo, o presente se subdivide em dois capítulos. O primeiro, “Representação: a infância e a criança no Novecentos”, tem como objetivo central a compreensão de como a criança (sujeito) e as infâncias - aqui entendida como tempo de vida que não é singular - eram tomadas durante a primeira metade do século XX. No segundo capítulo, “Marcas infantis: as capas da revista O Tico-Tico”, o foco é identificar como essas primeiras imagens da revista se voltam para as crianças e jovens que a liam e, nesse sentido, que representações possíveis ali comparecem.

1. REPRESENTAÇÃO: A INFÂNCIA E A CRIANÇA NO NOVECENTOS

Como já explicitado, neste estudo o foco se volta para a revista O Tico-Tico, tomando seu frontispício como objeto de investigação e interpretação histórica. Como será possível observar ao longo deste, existem imagens de crianças no primeiro frontispício que identificou a revista e que circulou de 1905 a 1962. Tendo a revista O Tico-Tico sido apresentada em sua capa como destinada à criança, o objetivo deste capítulo se volta para a compreensão de como ela e o seu tempo de vida eram considerados/representados na primeira metade do Novecentos.

É pertinente ressaltar que representações de criança e de infância, tomando aqui a noção de representação indicada por Roger Chartier (2010, p. 26), “[...] não se afasta nem da realidade nem do social”, ela amplifica o olhar voltado para o passado; as “representações, [portanto], não são simples imagens, verídicas ou enganosas, de uma realidade que lhes fosse exterior”. É por meio do contexto histórico do período que encontraremos as percepções sociais de como crianças e infância eram tomadas sem esquecer que “[...] as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (CHARTIER, 1990, p. 17).

1.1. Infância e criança na História

A infância na Idade Média terminava aos sete anos, quando a criança já dominava as palavras. Até então ela era considerada como alguém incapaz de falar, significado este oriundo da palavra latina *infans*. Vale ressaltar que essa incapacidade de falar não se limitava apenas à primeira infância, estendia-se a um período maior, até aos sete anos e após esta idade uma vida adulta começava imediatamente (LUSTIG, *et. al*, 2014, p. 5).

Estudar as variações de olhares para a infância e criança ao longo da história é se atentar, indubitavelmente, para as diferenças de entendimento presentes atualmente. Não que seja impossível encontrarmos em nossa sociedade momentos em que crianças exerçam papéis tidos como de adultos ou como aqueles que não deveriam ser exercidos por ninguém - como crianças em situação de rua, em trabalhos em minas de carvão, em extração de cana-de-açúcar, etc. - todavia, há um

entendimento legislativo, social, político de que a infância é tempo de vida da criança, que, por sua vez, é sujeito de direitos, portanto, algumas situações vivenciadas por esses sujeitos têm de ser de acordo com a especificidade da infância. Considerando que aqui a infância é escrita no singular, mas que é entendida no plural, visto que existem diferentes tempos de vida das crianças, de acordo com o ambiente em que vivem e que detemos o nosso olhar de pesquisadores.

Quando vemos o quanto hoje consideramos importante a época da infância, não se sabe o quanto esse momento fundamental na vida de uma criança era ignorado nos tempos antigos. Algumas das vertentes que colaboraram para que a infância fosse levada em consideração foi o avanço da medicina, um fenômeno imprescindível para que a criança pudesse ser realmente enxergada. “A morte da criança nesse período, decorrente da falta de cuidados básicos e de higiene era considerada um acontecimento comum” (LUSTIG, *et al*, 2014, p. 5). Nota-se nesta fala uma quantidade de mortes significativas vindas na primeira idade. Tantos óbitos vindos de doenças que ainda não se havia encontrado cura: “doenças que costumavam afligir e dizimar as crianças” (RIBEIRO, 2006, p. 30).

Essa quantidade absurda de mortes, segundo Ribeiro (2006, p. 30), era explicada pela Igreja Católica associando a criança morta com um anjo que foi para o céu e estava ao lado do Senhor para poder tranquilizar as famílias que perderam suas crianças tão cedo. Poucas crianças conseguiam atravessar esses primeiros perigos e sobreviver. Nesses momentos de primeiros perigos, Ariès (1986) demonstra a criança em um local de ‘paparicação’, onde os adultos enxergavam estes como seres engraçadinhos e se divertiam com eles “[...] como com um animalzinho, um macaquinho impudico” (1986, p. 10). Depois da paparicação, a criança já era levada para a vida adulta.

Ariès (1986) traz no início do capítulo “Do Despudor à Inocência” de seu livro “História Social da Criança e da Família”, algumas histórias de Luís XIII que tem um vocabulário e comportamentos que, na época eram considerados comuns, e que hoje são definitivamente inapropriados para a infância e não admitidos de forma alguma. Suas falas, gestos e ações enquanto ainda bem criança é de uma naturalidade espantosa, pensando que todos esses comportamentos eram frente a adultos, tanto os

pais da criança quanto toda a criadagem do reino, que ainda reforçavam essa conduta exagerada voltada para o lado sexual com brincadeiras e risos.

Nos primeiros anos de vida de Luís XIII, de acordo com o livro escrito por Ariès, as brincadeiras habituais do Delfim - o herdeiro do trono - envolviam o menino mostrando incessantemente a sua genitália para quem estivesse perto, adultos brincando com sua genitália, o menino brincando com o íntimo alheio, etc. Após seus 7 anos de idade, essas brincadeiras rapidamente são proibidas e desaprovadas pelos adultos que agora consideram a conduta imprudente. Aos 10 anos, o menino era obrigado a se comportar de uma maneira nunca exigida antes. Aos 14, forçado a se deitar e copular com sua mulher. Essas histórias de Luís XIII contadas no livro tiveram início no final do século XVI. Além destas, várias outras histórias com figuras diferentes também são retratadas no capítulo mencionado, e todas apresentando uma libertinagem costumeira em suas narrativas.

Gerson, um observador de comportamentos sexuais das crianças, foi um representante forte segundo Ariès (1986, p. 132), causando várias mudanças na disciplina tradicional das escolas da época, onde usou de religiosos para estabelecer novos hábitos e comportamentos nas crianças, encaixando comportamentos sexuais anteriores como pecaminosos e até com necessidade de confissão em caso de prática destes, sendo alguns destes novos hábitos:

Dever-se-á falar-lhes sobriamente, utilizando apenas palavras castas. Dever-se-á evitar que as crianças se beijem, se toquem com as mãos nuas ou se olhem durante as brincadeiras: [...]. Dever-se-á evitar a promiscuidade entre pequenos e grandes, ao menos na cama: [...], não devem dormir na mesma cama com pessoas mais velhas mesmo que sejam do mesmo sexo (ARIÈS, 1986, p. 133).

Nota-se uma participação significativa dos religiosos nas percepções e mudanças de condutas permitidas para uma criança e a separação real entre comportamentos devidos a estes pequenos e dos admitidos apenas para adultos. Ao fim do século XVI, uma mudança nítida e de valiosa importância foi a de educadores da época retirarem de seus currículos livros considerados “duvidosos” para crianças. Mas o combo de novos valores trazidos por Gerson foi realmente eficiente no século XVIII, com “uma disciplina rigorosa nos colégios” e “interessante pelo ideal moral que revela”

(ARIÈS, 1986, p. 134) fazendo-se presente na vida das crianças e trazendo novas concepções de infância.

Ariès (1986) traz a fala da nova concepção que se formou no século XVII: “a noção da criança bem educada. [...] A criança bem educada seria preservada das rudezas e da imoralidade, que se tornariam traços específicos das camadas populares e dos moleques” (ARIÈS, 1986, p. 185). Nota-se a diferenciação criada para distinguir os dois tipos de educação e para quem iria cada uma. A boa educação, livre da rudeza e imoralidade, vai diretamente para a parte burguesa da sociedade e a educação que ainda contém essas características se encaixariam apenas no resto da população, a maior parte, que não faz parte da burguesia.

Além da distinção criada para classes sociais, existia - e ainda existe - uma distinção extremamente sexista. Em todas as histórias citadas no presente trabalho do livro de Ariès (1986), os progressos apresentados na infância dessas crianças e a separação da infância e da vida adulta se tratavam especialmente de meninos. As meninas e suas infâncias, quando citadas, eram breves trechos que apenas complementavam a história do personagem principal, o menino.

As mulheres eram excluídas. Por conseguinte, entre elas, os hábitos de precocidade e de infância curta mantiveram-se inalterados da Idade Média até o século XVII. [...] uma precocidade explicada por uma educação que treinava as meninas para que se comportassem desde muito cedo como adulta (ARIÈS, 1986, p. 189 - 190).

O foco da educação para as meninas era de fato apenas doméstico, mas ao fim do século XVII, foi oferecido por Saint-Cyr de M^{me} de Maintenon um modelo de instituição para meninas. Mesmo com uma tendência geral em benefício da escolarização das meninas, essa escolarização teve um longo atraso de dois séculos. Ariès (1986) traz também em seu livro as “idades da vida”, aprendizado este que se dá com as etapas biológicas e funções sociais e que se mantém quase que inalterado até o século XVIII:

Quadro 2: As idades da vida

Idades	Função social
--------	---------------

Idade dos brinquedos	As crianças brincam com cavalo de pau, boneca, pequeno moinho ou pássaros amarrados.
Idade da escola	Os meninos aprendem a ler e as meninas, a fiar.
Idade do amor ou dos esportes da corte e da cavalaria	Festas, passeios de rapazes e moças, corte de amor, as bodas ou a caçada do mês de maio dos calendários.
Idade da guerra e da cavalaria	O homem armado.
Idade sedentária, dos homens da lei, da ciência ou do estudo	O velho sábio barbudo vestido segundo a moda antiga, diante de sua escrivaninha, perto da lareira.

Fonte: ARIÈS (1986, p. 39).

Percebemos com as “idades da vida” que as crianças, até o século XVIII, ainda tem suas infâncias conectadas ao mundo adulto e também pretendidas as funções sociais que cada sexo tem que cumprir com a sociedade. Segundo Heywood (2005), foi no século XVIII que os reformadores começaram a pensar em um sistema nacional de educação. Ao final do século XIX e início do século XX, é que a criança finalmente começa a ser separada do trabalho e este trabalho é substituído pela escola.

A sexualidade foi o terceiro ponto de interesse e preocupação da medicina brasileira no tocante à infância, juntamente com a mortalidade infantil e a educação. Estas questões foram abordadas quase ao mesmo tempo e uma foi decorrente da outra. Ao buscar as causas e soluções para a mortalidade infantil, os médicos higienistas propuseram mudanças na alimentação e nos costumes familiares, as quais incluíam a adoção de uma nova pedagogia moral que sugeria que a criança seria mais bem formada e educada nos colégios internos (RIBEIRO, 2006, p. 32).

Foi com o reconhecimento do trabalho infantil, da sexualização precoce e da quantidade significativa de mortes infantis como um problema que a criança começa a ser realmente enxergada como criança, com necessidades completamente diferentes da de um adulto.

1.2. Infância e criança no Brasil

“A criança precisava ser protegida, cuidada, amparada e educada” (RIBEIRO, 2006, p. 30). Tal trecho pode ser entendido diante de uma concepção que atualmente consideramos fundamental na vida das crianças: educação e cuidado. Uma fala que coloca como importante o real cuidado com as crianças. Uma fala que não era bem considerada nos tempos antigos, onde a educação da criança era apenas para produzir adultos.

Com a dificuldade de sobrevivência das crianças ainda na primeira idade citada anteriormente, Ribeiro (2006) traz em seu texto uma observação que diz que com o avanço da medicina no início do século XIX, esta se torna influente e começa a impor normas de saúde que, por fim, beneficiam a sociedade. Com a consolidação dos ideais higienistas trazidos pela medicina, segundo Ribeiro (2006), uma nova conduta social é determinada, o que resulta em modificação também da organização da família brasileira, pois foi por iniciarem a defesa da criança que se atingiu a família e, por consequência, a sociedade brasileira.

Com a abolição da escravatura no final do século XIX, o público infantil no Brasil aumenta significativamente, apresentando com exatidão a diferença nas infâncias de cada classe social -as de famílias ricas e as menos favorecidas- que, até então, todo esse novo conceito de infância com seus cuidados, educação e boa higiene se encaixavam favoravelmente apenas com a burguesia:

[...] havia duas categorias de crianças: as das Casas, filhas dos senhores feudais e as crianças dos escravos, criadas para servir seus donos. Elas conviviam e dividiam o cotidiano nas Casas. As crianças das Casas eram bem cuidadas, investia-se na educação e na preparação da mesma para assumirem os negócios da família ou assumir uma carreira: profissão liberal, política ou mesmo religiosa [...] (MENDES, [entre 2009 e 2019], p. 5).

Com a divisão de classes veio também a divisão de concepções de infância. Campos e Pereira (2015) fala sobre essas diferentes concepções, onde a infância da elite tem como fim educativo o desenvolvimento integral da infância e as camadas populares uma educação moralizante. Além da distinção entre classes sociais nos séculos XIX e XX que diz que “para as ricas, os louros, para as pobres, a repulsa” (MENDES, [entre 2009 e 2019], p. 7), a educação separando gêneros também permanece na história da infância nos séculos XIX e XX, onde segundo Mendes ([entre 2009 e 2019], p. 5 - 6), as meninas ainda tinham educação dedicadas à família e a casa, além de sua infância ser mais curta devido ao casamento precoce que era costumeiro na época. Enquanto isso, os meninos eram encaminhados para seminários e internatos para então concluírem sua educação. A infância finalmente estava recebendo uma valorização de forma mais consolidada e várias instituições estavam sendo criadas e desenvolvidas:

Após a década de 1870, o desenvolvimento científico e tecnológico consolida as tendências de valorização da infância que vinham sendo desenvolvidas no período anterior, privilegiando as instituições como escola primária, o jardim de infância, a creche, os internatos reorganizados, os ambulatórios e as consultas às gestantes e lactantes, as Gotas de Leite (KUHLMANN JR, 1998, p. 27).

No ano de 1922, no propósito de apresentar seus modernos atributos nas exposições internacionais no Rio de Janeiro, relata que “[...] as instituições de educação infantil foram difundidas amplamente durante as Exposições Internacionais, como modernas e científicas, como modelos de civilização” (KUHLMANN JR, 2010, p. 70 *apud* CAMPOS; PEREIRA, 2015, p. 27803).

[...] a legislação brasileira contém claros dispositivos relativos à proibição do trabalho infantil e à proteção dos direitos das crianças e adolescentes, a começar pela Constituição Federal de 1988. Outros instrumentos legais normatizam e resguardam esses direitos: o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e outras normas relevantes como, por exemplo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e o Código Penal (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS).

As décadas de 1920 e 1930, segundo Campos e Pereira (2015, p. 27803) foram de enorme importância na educação do Brasil, pois foi nesta época que promoveram mudanças para que a construção de conhecimento fosse centralizado na criança. Na

história da infância, essa infância que tem se tornado cada dia mais válida na vida da criança, várias instituições legais - ao final do século XX - haviam sido criadas e desenvolvidas no Brasil para melhor atenderem aos cuidados e proteção na vida destes pequenos.

2. MARCAS INFANTIS: AS CAPAS DA REVISTA O TICO-TICO

“(...) escrever é produzir o texto; ler é recebê-lo de outrem sem marcar aí o seu lugar, sem refazê-lo” (CERTEAU, 2011, p. 240).

O trecho que abre este capítulo apresenta uma crítica do historiador Certeau (2011) ao entendimento hierarquizado, que perpassa grande parte da sociedade, entre escritor e leitor, com papéis específicos e imutáveis. Situação que também é observada por outro historiador, Chartier (2003; 2010), que demonstra ser o leitor não apenas um receptor das ideias, intenções, daqueles que escrevem, produzem e fazem circular os livros, os impressos, como também possuem ação inventiva, uma vez que “[...] a aceitação das mensagens e dos modelos opera-se sempre através de ordenamentos, de desvios, de reempregos singulares” (CHARTIER, 1990, p. 137). Dessa forma, ainda que toda uma indústria de produção do livro ou do impresso tenha intencionalidades - e é claro que tem - o leitor não é passível e não segue apenas os entendimentos que previamente foram pensados.

Se as práticas de leitura podem ser entendidas tomando os estudos e conceitos cunhados pelos dois historiadores aqui elencados, o olhar se volta para o título da revista O Tico-Tico, que é chamado de frontispício e que, como tal, era lido por aqueles que tinham contato com referida. Não acompanharemos aqui os usos, sentidos, significados que o frontispício possa ter, mas nos atentaremos à ele de modo a compreender como uma revista, que se apresenta como específica para as crianças, representa as mesmas em suas capas e, principalmente, no seu título.

O frontispício não teve uma única fonte de escrita, cor ou imagem nos anos de circulação da revista, como pode ser observado ao longo deste capítulo. Todavia, o olhar se volta para o primeiro frontispício, que ficou entre o período 1905 a 1907 e uma breve volta do mesmo frontispício no ano de 1909. O objetivo é identificar, por meio das

primeiras imagens da revista, as possíveis representações. Para tanto, este capítulo se divide em dois momentos: um de conhecimento sobre a revista e sinalização dos diferentes frontispícios e o outro de investigação e compreensão dos elementos que compõem o primeiro título da revista O Tico-Tico.

2.1. Nem só com pássaro se representa uma revista infantil

A revista O Tico-Tico é considerada um marco na história por ser pioneira em trazer semanalmente histórias em quadrinhos na composição da revista e por suas edições serem voltadas para o público infantil (VERGUEIRO, 2014). Fundada em 1905, sua primeira publicação foi no dia 11 de outubro, com tiragem de 27 mil exemplares e custava 200 réis. O Tico-tico, além de representar o nome da revista, também retrata um pássaro de porte médio, famoso por seu canto e que é bastante popular no Brasil, podendo ser visto em todas as regiões do país, exceto na região da floresta Amazônica (TICO-TICO, 2016).

Quando se procura “significado de tico-tico” em pesquisa *online* no *site Google* aparecem vários significados para esta palavra: uma ave; a serra vertical de madeira; dinheiro miúdo/trocados e “indivíduo pequeno e franzino” (TICO-TICO). Este último chama atenção, pois o nome da revista pode significar não somente a ideia da ave vista pelo fundador, mas também da criança, que poderia ser entendida como o “indivíduo pequeno e franzino”, ou como a revista ser originalmente voltada para esses ‘ticos’ de pessoas, como popularmente já escutamos algumas pessoas idosas se referindo às crianças.

A revista foi pensada por Luiz Bartolomeu e, segundo o site do *Estúdio Nanquim*, o nome dela foi inspirado por uma visão que seu idealizador teve de um pássaro, de nome “tico-tico”, no jardim de sua casa e a composição do periódico foi inspirada pela publicação francesa “*La Semaine de Suzette*”, onde o conteúdo da revista francesa era adaptado de acordo com a realidade brasileira (FREITAS).

A revista se tornou prestigiada também por ser bastante atraente, cultural e educativa. Ficou ainda mais popular por não ter concorrência em questões de conteúdo e especialmente por não precisar disputar com todas as tecnologias que hoje temos

(videogames, cinema, televisão, etc.). Além de tudo, o fato de ser uma revista utilizando cores além do preto e branco a tornou ainda mais sedutora. “Em um período onde boa parte dos jornais e revistas ainda careciam de recursos técnicos e, portanto, editavam em preto e branco, uma revista em cores possuía grande potencial de sucesso no mercado editorial brasileiro” (BRAGA, 2016, p. 4). A seguir, é possível visualizar a primeira capa disponível no Acervo Digital da revista O Tico-Tico:

Imagem1: O Tico-Tico, primeira edição disponível no Acervo Digital.



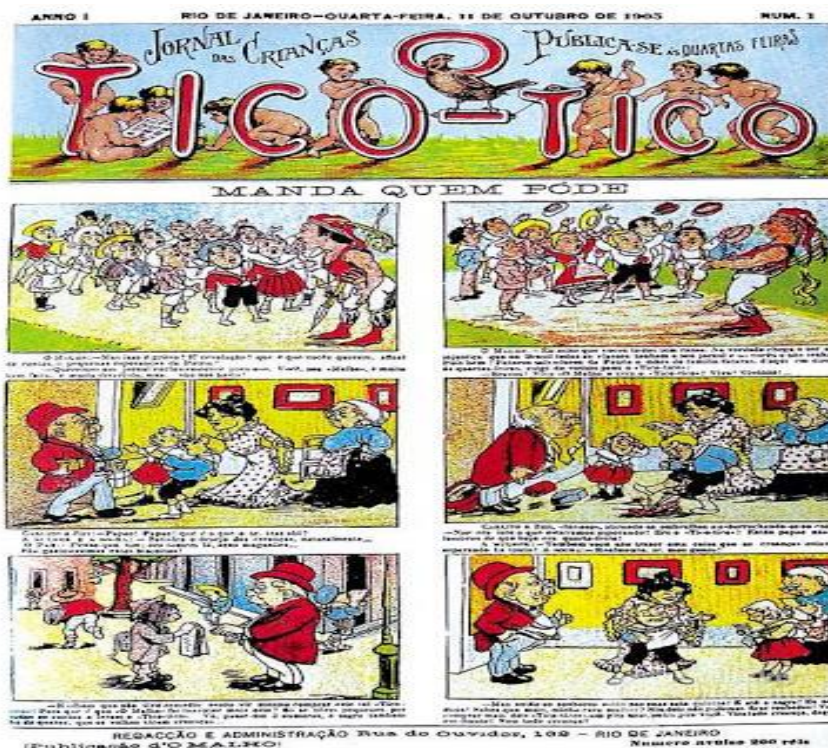
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, O Tico-Tico (1905).

Ainda que deteriorada pelo tempo e manuseio, é possível ver o pássaro Tico-Tico, no meio do título e acompanhar o quadrinho onde o professor orienta os alunos (todos meninos) a terem cuidado antes de fazer qualquer coisa e acaba, ele mesmo,

não tendo cuidado ao andar sobre o tablado, caindo e sendo motivo de risadas. A capa traz duas informações sobre o público a que se destina o “Jornal das Crianças”: atentando-se para o título, a revista então se volta para crianças pequenas, que muito provavelmente estariam no Jardim de Infância e se olhando e lendo os quadrinhos, o direcionamento dela seria para as crianças que frequentam as escolas primárias e que, portanto, já sabem ler. Mas, deixemos essa observação guardada para ser utilizada um pouco à frente e voltemos a atenção para a revista como um todo, iniciando pelos quadrinhos, sua especialidade.

A primeira edição da revista, publicada em 11 de outubro de 1905, trouxe em seus quadrinhos uma ‘revolução’, onde as crianças demandam por um jornal voltado para elas, e assim a revista O Tico-Tico se apresenta para então atender o público infantil. A primeira edição da revista não se encontra no Acervo Digital da Biblioteca Nacional, mas sua capa com a tirinha da ‘revolução’ das crianças pode ser encontrada na internet:

Imagem 2: O Tico-Tico, capa da primeira edição



Fonte: Erico Moleiro, Guia dos Quadrinhos (2007).

Segundo o site da Fundação Getúlio Vargas (VELASQUEZ, 2009), o periódico era voltado especialmente para os meninos, os estimados ‘futuros da nação’. Ainda na primeira publicação da revista, esta refere-se aos meninos como “futuros salvadores da Pátria” e as meninas como “mães de famílias futuras”, reforçando o lugar de cada um na sociedade e no espaço da revista.

Com o objetivo de divertir, informar e formar, a revista era voltada principalmente para um público infantil masculino, “os futuros condutores da nação”. Para a formação sadia das meninas, cultivou-se a idealização da mulher submissa, voltada para as tarefas domésticas. Entre 1911 e 1919, na coluna “Seção para meninas”, eram ensinados trabalhos de costura, bordados e outras atividades domésticas, como servir a mesa (VELASQUEZ, 2009).

Característica semelhante também observou Patroclo (2019) no artigo “As mães de famílias futuras: a revista O Tico-Tico e a formação das meninas brasileiras (1905-1925)”, que trata dessas relações de gênero representadas na revista e das expectativas de as meninas serem vistas apenas como seres devotos ao casamento e à maternidade, reforçando com frequência os comportamentos e conhecimentos assim necessários para que assumissem no futuro a sua função de excelente esposa e mãe que era tão esperada pela sociedade (PATROCLO, 2019).

As publicações da revista aconteciam semanalmente, sempre às quartas-feiras, desde sua fundação, como é mostrado em suas capas. Porém, com a decadência da revista devido a popularidade de outras HQs e pela criação da televisão, sua periodicidade tornou-se irregular, resultando no fim de sua circulação no ano de 1962, com mais de 2000 belas edições como legado, visto que se encontram no Acervo Digital da Biblioteca Nacional (BRASIL, 2015; FNDC, 2006). Dentre tantas publicações, diversos foram os frontispícios expostos na capa; alguns trouxeram apenas detalhes diferentes de um frontispício que já era utilizado, outros evoluíram para uma versão completamente diferente da anterior, como também aqueles apenas usados em edições especiais. No quadro a seguir é possível vislumbrar essa rotatividade de frontispícios:

Quadro 3: Um padrão de frontispícios.

Anos	Edições	Quantidade de edições com este frontispício	Imagem do Frontispício
1905-1907, 1909	1-13, 15-171, 173-175, 177-184	181	Frontispício do Tico-Tico com o título em letras grandes e coloridas, ilustrado com personagens e o nome do editor.
1909-1919	185-522, 524-623, 672-698	438	Frontispício do Tico-Tico com o título em letras grandes e coloridas, ilustrado com personagens e o nome do editor.
1917-1918	625-631, 633-667	41	Frontispício do Tico-Tico com o título em letras grandes e coloridas, ilustrado com personagens e o nome do editor.
1918-1922	668-671, 699-873	178	Frontispício do Tico-Tico com o título em letras grandes e coloridas, ilustrado com personagens e o nome do editor.
1922-1923	887-939	52	Frontispício do Tico-Tico com o título em letras grandes e coloridas, ilustrado com personagens e o nome do editor.
1923-1927	940-1106, 1109-1142, 1145-1148	203	Frontispício do Tico-Tico com o título em letras grandes e coloridas, ilustrado com personagens e o nome do editor.
1927-1928	1143-1144, 1149-1164	17	Frontispício do Tico-Tico com o título em letras grandes e coloridas, ilustrado com personagens e o nome do editor.
1928-1932	1165-1247, 1249-1410	243	Frontispício do Tico-Tico com o título em letras grandes e coloridas, ilustrado com personagens e o nome do editor.
1932-1939	1411-1779, 1781-1785	373	Frontispício do Tico-Tico com o título em letras grandes e coloridas, ilustrado com personagens e o nome do editor.
1940-1941	1812-1868	56	Frontispício do Tico-Tico com o título em letras grandes e coloridas, ilustrado com personagens e o nome do editor.

Fonte: Hemeroteca Digital, O Tico-Tico. Organizado pela autora.

O quadro anterior permite perceber que, de todas as revistas O Tico-Tico disponibilizadas na Hemeroteca Digital, a presença maciça de crianças no frontispício ocorreu nas duas primeiras décadas (1905 a 1923), com exceção de dois anos (1917 e 1918). A representação da criança no frontispício ter diminuído ao ponto de eventualmente ser até eliminado nos faz pensar em duas possibilidades: a criança branca e loira apresentada no início em dado momento não é mais foco na revista, abrindo espaço para que outras crianças também sejam público-alvo, mesmo que não representadas em seu frontispício; ou ainda que a criança cresceu e a revista teve que, por necessidade, ‘crescer’ também, excluindo a criança pequena de sua frente para talvez conseguir chamar a atenção de jovens também. Essa presença de crianças no frontispício não pode ser observado no restante das publicações da revista, até 1961, como demonstra o quadro seguinte:











Quadro 4: A diversidade de frontispícios















Frontispícios com poucas edições ou edições únicas e/ou especiais			
<p>1906 (nº 14)</p>  <p>1909 (nº 172³)</p> 	<p>1909 (nº 176)</p>  <p>1915 (nº 523)</p> 	<p>1917 (nº 624⁴)</p> 	<p>1917 (nº 632)</p>  <p>1926 (nº 1108)</p>  <p>1939 (nº 1780, 1786)</p>  

³ Essas edições estavam disponibilizadas no Acervo Digital sem apresentarem o frontispício

<p>1929 (nº 1248⁴)</p> 	<p>1940 (nºs 1787, 1788, 1789, 1790)</p> 	<p>1940 (nºs 1791, 1792, 1795, 1797)</p> 	<p>1940 (nºs 1798, 1799, 1801, 1802)</p> 
<p>1940 (nºs 1803, 1804, 1805, 1806, 1807)</p> 	<p>1940 (nºs 1808, 1809, 1810, 1811)</p> 	<p>1941 (nºs 1869, 1870, 1871, 1872)</p> 	<p>1941 (nº 1873)</p> <p>1942 (nºs 1874, 1875)</p> 
<p>1942 (nºs 1876, 1877, 1878, 1181 e 1885)</p> 	<p>1942 (nºs 1879, 1880, 1882 e 1884)</p> 	<p>1942 (nº 1883)</p> 	<p>1943 (nºs 1886, 1887, 1888 e 1891, 1889)</p> 

<p>1943 (nº 1890, 1893, 1894)</p> <p>1943 (nº 1896) 1944 (nºs 1899)</p>	<p>1944 (nº 1898 e 1901, 1905, 1906, 1908)</p>	<p>1944 (nº 1909)</p> <p>1946 (nºs 1922 e 1927, 1923, 1925)</p>	<p>1946 (nºs 1924 e 1926, 1929, 1930, 1931)</p>
<p>1946 (nºs 1932, 1933)</p> <p>1946 (nº 1928) 1947 (nºs 1934, 1940)</p>	<p>1947 (nº 1935)</p> <p>1949 (nºs 1958, 1962, 1967) 1952 (nº 2001)</p> <p>1949 (nº 1959)</p>	<p>1949 (nºs 1960, 1961, 1963, 1964, 1965, 1968)</p>	<p>1949 (nºs 1966, 1968, 1969)</p> <p>1952 (nºs 1994, 1995)</p>
<p>1952 (nº 1996, 1997, 1998, 1999)</p>	<p>1952 (nºs 2000, 2002, 2003, 2004, 2005)</p>	<p>1953 (nºs 2006, 2007, 2008, 2009)</p>	<p>1953 (nºs 2010, 2011, 2012, 2013)</p>

			
<p>1953 (n^os 2014, 2015, 2016, 2017)</p> 	<p>1954 (n^os 2018, 2019, 2020, 2021)</p> 	<p>1954 (n^os 2022, 2023, 2024, 2025)</p> 	<p>1954 (n^os 2026, 2028, 2029, 2030-1)</p> 
<p>1955 (n^os 2030-2, 2031, 2033, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040) 1956 (n^o 2042, 2044, 2047, 2052, 2053) 1958 (n^o 2069)</p> 	<p>1955 (n^o 2034) 1958 (n^o 2072, 2073)</p>  <p>1955 (n^o 2041) 1956 (n^o 2046, 2051)</p> 	<p>1955 (n^o 2032) 1956 (2043)</p>  <p>1956 (n^o 2045) 1958 (n^o 2068)</p> 	<p>1956 (n^o 2048, 2049) 1957 (n^o 2055)</p>  <p>1956 (n^o 2050)</p> 
<p>1957 (n^o 2054)</p>	<p>1957 (n^o 2057)</p>	<p>1957 (n^o 2060)</p>	<p>1958 (n^o 2075, 2076)</p>

 <p>1957 (n^{os} 2056, 2059, 2061, 2062, 2064, 2065) 1958 (n^{os} 2066, 2067, 2070, 2071, 2074)</p> 	 <p>1957 (n^{os} 2058, 2063)</p> 		
<p>1959 (n^o 2078)</p>  <p>1959 (2079, 2083) 1961 (n^o 2094, 2095, 2096, 2097)</p> 	<p>1959 (n^o 2080)</p>  <p>1959 (n^o 2081) 1961 (n^o 2093)</p> 	<p>1959 (n^o 2082)</p>  <p>1961 (n^o 2090)</p> 	<p>1961 (n^o 2091)</p>  <p>1961 (n^o 2092)</p> 

Fonte: Hemeroteca Digital. O Tico-Tico. Organizado pela autora

Percebe-se também que no último quadro, o de frontispícios com poucas edições ou edições únicas/especiais, nem todas as frentes da revista tem a ave tico-tico, a que compõe um dos motivos do nome da referida, representada na mesma. Nota-se que a ave, a partir da década de 1940, quando a frente do nome da revista é composta por uma escrita bem simples, sem muitos adornos, a presença da ave se

torna esporádica, estando bem mais ausente do que presente no frontispício e capa da revista em questão.

2.2. O primeiro frontispício da Revista O Tico-Tico

A frente selecionada para análise foi o da edição número 35 do ano de 1906. O frontispício selecionado foi de uma das edições com o primeiro modelo desenhado para apresentar a revista para seu público em 1905. Seu criador, Angelo Agostini, manteve essa frente por 181 edições (contando apenas as do Acervo Digital que a Biblioteca Nacional dispõe em seu site) do ano de 1905 a 1909. Destas edições disponíveis no site, apenas 3 tinham uma logo diferenciada, sendo de publicações especiais em comemoração de uma determinada data.

Vários pontos podem ser notados em um “olhar rápido” na frente da revista, mas quando se examina um pouco mais os detalhes, pode-se especular melhor os possíveis motivos daqueles detalhes específicos. Para uma melhor visualização das observações feitas no frontispício escolhido, segue um quadro separado por tópicos indicando a análise feita pela autora do presente trabalho.

Imagem 3: O primeiro modelo de frontispício



Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional

Depois de o frontispício escolhido, prosseguiremos apresentando um quadro que contém a análise feita pela autora do texto da frente adotada da revista O Tico-Tico para este trabalho.

Quadro 5: Observação de um frontispício

Tópico observado	Análise das observações feitas pela autora
“Anno II”	Informação de que este é o segundo ano de publicações da revista O Tico-Tico, que teve início no ano de 1905.
“Rio de Janeiro, - quarta-feira, 6 de junho de 1906”	Informações com a localidade, dias da semana e do mês, mês e ano de publicação da edição.
“Num. 35”	Informa o número da edição da revista.
“Jornal das Crianças”	A frase serve para determinar o intuito de público da revista: as crianças.
“Publica-se às quartas-feiras”	Essa frase auxilia com a informação da frequência que a revista publica suas edições.
Imagem em um frontispício	Composição significativa do frontispício se dá por uma imagem cheia de detalhes. A figura principal da revista é um dos primeiros pontos a serem vistos pelo leitor/comprador e se esta não consegue chamar a atenção do público-alvo, a revista não atinge seu objetivo. A imagem precisa mostrar o intuito do produto e quem quer atingir com seu conteúdo. “As imagens têm um impacto bastante significativo por atingir um amplo número de pessoas e ter a sua “leitura” muito mais rápida, além de facilitar a assimilação do conteúdo. [...] o uso de recursos visuais é uma forma de fixar elementos, inclusive a sua marca” (STUANI, 2017).

<p>Título na cor vermelha</p>	<p>Braga (2016), citado anteriormente, comenta sobre o enorme potencial da revista de se tornar popular pois, na época do início de sua circulação, ter cores em publicações de revista era algo bastante inovador.</p> <p>Além da inovação pelas cores, a cor escolhida para configurar a identificação da revista foi a vermelha, uma cor onde algumas de suas interpretações falam de mostrar energia, provocar, chamar atenção, etc., algo bastante necessário na inauguração de um produto novo, especialmente em um produto voltado para crianças, cujo estímulo visual deve ser bem considerado ao tentar conquistá-las.</p>
<p>Letras do título</p>	<p>Nota-se que as letras do título estão em ordem decrescente de tamanho. Cada uma nos mostra um tamanho diferente. Isto pode ser relacionado à revista ser direcionada a idades variadas, com crianças de tamanhos diferenciados.</p>
<p>Borda branca nas letras do título</p>	<p>A borda branca é um detalhe especial para embelezar o título e tentar ainda mais o interesse das crianças com a revista.</p>
<p>Várias crianças na imagem</p>	<p>A imagem dispõe de várias crianças para indicar de forma ainda mais certa qual é o seu público-alvo. As crianças estão em todos os lados da imagem da frente da revista. Aparentemente estão sorrindo, felizes; algumas mostrando a revista em quadrinhos ou o pássaro que dá nome ao periódico no centro da imagem. Em ambas visões, a ideia é de que estão felizes com um dos 'alvos' chamados Tico-Tico (revista ou o pássaro).</p>
<p>Crianças do sexo masculino</p>	<p>O site FGV, citado anteriormente, relata que a revista era voltada especialmente para o público infantil masculino e imagens apenas de meninos na frente da revista reforçam</p>

	<p>essa narrativa. A exclusão das meninas é reforçada já no frontispício, onde em uma revista que se diz para crianças (no plural e sem gênero), as meninas sequer veem uma representação delas mesmas no periódico, intensificando essa exclusão das meninas na época.</p>
<p>Crianças brancas e loiras</p>	<p>Todas as crianças mostradas no frontispício são similares, apresentando características de pessoas brancas e loiras, transparecendo que a revista era inteiramente voltada à elite branca. Durante todo o tempo que esse frontispício perdurou na revista, não houve nenhuma forma de representação preta nas frentes das edições, determinando mais uma vez que essa revista era voltada para a infância de crianças de famílias ricas.</p>
<p>As crianças apresentadas na imagem estão nuas</p>	<p>As crianças representadas de forma nua na imagem, segundo Chalmel (2004, p. 60), na sua nudez decorativa, é também chamada de <i>putto</i> e é particularmente um gosto da burguesia. Brandão (2014, p. 135) aponta que esses meninos desnudos também podem ser referenciados a anjos. Com os <i>puttos</i> sendo colocados como mais uma tendência das famílias ricas, este se torna mais um complemento de que a parte pobre da sociedade não faz parte da platéia considerada pela revista.</p>
<p>As genitálias estão sempre cobertas</p>	<p>As crianças nuas, porém com objetos e letras sempre cobrindo suas partes íntimas pode indicar o progresso na infância desses meninos de não estarem sendo tão 'sexualizados' como eram em tempos anteriores.</p>
<p>As crianças são robustas</p>	<p>Das várias assistências que, no início do século XXI, a criança estava começando a receber assegurando sua proteção e cuidado; alguns anos depois, o Concurso de Robustez foi uma</p>

	das criações para mostrar às famílias o sinônimo de saúde da época: o gordinho e robusto.
Ave no centro da imagem	A ave disposta no centro do frontispício é o tico-tico, e este representa um dos motivos do nome escolhido para a revista. Além disso, a imagem apresenta duas crianças com linhas amarradas em cada extremo do hífen, e que pode simbolizar que estão tentando erguer a ave tico-tico para deixá-la em um nível mais elevado, demonstrando ainda mais a importância de sua figura na revista.
Letra “O” na horizontal	A letra “O” está centralizada e também na horizontal e localiza-se em cima da cabeça da ave. A letra poderia simbolizar uma auréola curvada de um possível anjo, agora representado pela ave tico-tico e não pelas crianças.
Crianças brincando e felizes	O frontispício apresenta nas reações e atividades das crianças o quanto ler e brincar naquela revista é legal. Isso desperta ainda mais o interesse do público estimado.
Idade aparente das crianças	A criança da imagem aparenta ter 5 a 6 anos de idade. A criança real aprendia a ler a partir dos 7 anos, no geral, o que nos faz pensar que a criança do frontispício não é a mesma criança que conseguiria ler a revista que é composta por textos de tamanhos significativos para uma criança que ainda não domina a leitura.
Crianças lendo uma revista	A imagem de crianças lendo uma revista em quadrinhos determina exatamente qual o propósito da revista com o seu público: que as crianças comprem a revista e a leiam. Na imagem, apenas parte das crianças apresentam interesse de ir em direção à revista para uma possível leitura. As crianças que estão realmente lendo a revista estão lendo apenas as

	imagens da mesma, pois no frontispício apresentado, a revista mostrada só apresenta imagens dos quadrinhos e não letras e palavras (com exceção do título da revista).
--	--

Fonte: Elaborado pela autora

O quadro acima mostra análise da autora de um frontispício com uma imagem vistosa e muito interessante quando pensada apenas em conquistar a atenção de crianças mas que, quando observada em detalhes, cultiva ideias em apenas uma figura de que as crianças ricas do sexo masculino são aqueles únicos que eram realmente enxergados pela sociedade, tanto que estes foram os escolhidos e representados na frente da revista O Tico-Tico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito se pode enxergar observando apenas a frente de uma revista. Algo que se apresenta ao público como novo, bonito e espetacular pode também ser um exclusor de camadas sociais e de um gênero completo e também de reforçar contextos da época de forma negativa, como pudemos ver analisando apenas uma pequena parte da capa da revista. O intuito deste trabalho além de trazer um contexto histórico sobre a criança e infância em períodos anteriores, foi também para apresentar a representação da criança em um dos frontispícios da revista *O Tico-Tico*, primeira revista em quadrinhos do Brasil, este posicionado no topo do periódico com o propósito de indicar ao leitor a revista que talvez lhe interesse.

Considerando toda a análise feita do frontispício, uma das observações foi que em sua frente - e na revista completa - mesmo que houvesse divergências entre a criança apresentada no frontispício e o possível leitor das edições, essa de fato conseguiu cumprir seu papel no mercado: chamar bastante atenção e atingir um público significativamente alto. O *site* Plenarinho (*O Tico-Tico, a primeira...* 2008) conta que a tiragem inicial da revista foi de 11 mil exemplares e que, em pouco tempo, o periódico caiu no gosto das pessoas e chegou a ter 100 mil exemplares em algumas edições publicadas.

Porém, houveram duas representações que notei como mais fortes na frontaria da revista e que estas considero como pontos negativos. Uma delas foi a consolidação da separação das classes sociais: a família rica com a criança 'branca e loira' como a privilegiada consumidora do periódico com seus preços consideravelmente altos para a camada pobre da sociedade. A revista que se estabelece como "Jornal das Crianças" poderia, contudo, se designar como "Jornal das Crianças brancas, loiras e ricas", pois é apenas para estas que se intenciona em sua frente.

Outro ponto forte é a representação unicamente masculina em sua frente onde a revista, assim como com a retratação da camada pobre que não existiu no frente da revista, sequer se dispõe a representar as crianças meninas daquela sociedade em seu frontispício, sendo elas de famílias ricas ou não, reforçando que a revista também não foi pensada para elas. Esta não tinha como objetivo principal a função social da mulher

na época: casamento e maternidade, o que não as colocariam como consumidoras em potencial de um produto que, mesmo que fosse do interesse delas, não fazia parte de seu encargo com a sociedade.

A criança representada no frontispício, retirando sua característica racial – branca, loira – e a que a distingue de acordo com gênero e classe social, pode ser entendida como uma criança que se mostrava ideal, no sentido do que era considerado saudável no período. Como foi possível acompanhar, havia uma preocupação médica higienista com a saúde da criança, com iniciativas tais como as do Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro, criado por Moncorvo Filho, que instituíram os concursos de robustez. Nesses concursos, as crianças saudáveis que ganhavam os primeiros lugares e os melhores prêmios eram as que tinham formas arredondadas, robustas, que hoje em dia poderiam ser chamadas de fofinhas. O frontispício da revista O Tico-Tico mostra crianças robustas e também representadas como inocentes, se comparadas com a forma como os anjos eram representados em iconografias: rechonchudos, alvos e de cabelos claros – loiros ou castanhos. Isso demonstra uma representação de criança pelos editores da revista, pelos seus responsáveis: a criança é um ser inocente, puro, que brinca, que interage com a natureza (visto o pássaro no meio delas) e, quando criada adequadamente, é fisicamente saudável e capaz de aprender (considerando os jogos que aparecem na imagem).

Ter no frontispício uma representação de criança pequena não quer indelevelmente dizer que é para ela que a revista se direciona, uma vez que seu conteúdo é para uma criança leitora, maior do que a representada no título. Mas nos permite aventar a hipótese de que, a criança tal como representada, seria aquela que socialmente teria condições de ser a futura leitora do periódico infantil. E assim vamos construindo futuras interpretações, que aqui não se esgotam, mas cumprem com o primeiro movimento de identificação dessa representação. Poderia agora percorrer, nas páginas da revista O Tico-Tico, como a infância e as crianças são tomadas e se comparam distinções entre as crianças menores das maiores. Mas esta será uma nova empreitada acadêmica...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BRAGA, Conrado Jenevain. **O ensino de História do Brasil na revista O Tico-Tico: Sobre a revista "O Tico-Tico"**. 2016. 10 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Departamento de História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016. Disponível em: <https://www.ufjf.br/historia/files/2020/04/Conrado-Jenevain-Braga-O-Ensino-de-Hist%c3%b3ria-do-Brasil-na-Revista-O-Tico-Tico.pdf>. Acesso em: 30/11/2020.

BRANDÃO, Angela. Dos seres alados da Antiguidade aos anjos do Rococó. *In: História: Questões & Debates*. Curitiba: Editora UFPR, 2014. n. 61, p. 133-154, jul./dez. Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/b3e9/9ca4e89a58ac0e74410d3fe2665aeffbfc7a.pdf?_ga=2.195844712.559540573.1607088883-895467523.1607088883. Acesso em: 28/11/2020.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Plenarinho - Jeito criança de ser cidadão. **O Tico-Tico, a primeira revista em quadrinhos do Brasil**. 2008. Disponível em: <https://plenarinho.leg.br/index.php/2018/01/o-tico-tico-primeira-revista-em-quadrinhos-brasil/>. Acesso em: 02/12/2020.

BRASIL. Ministério da Cidadania. Fundação Biblioteca Nacional. **Acervo - O Tico-Tico a mais importante revista voltada para o público infanto-juvenil no Brasil**. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/explore/curiosidades/acervo-tico-tico-mais-importante-revista-voltada-publico>. Acesso em: 02/12/2020.

BRASIL. Ministério da Cidadania. Fundação Biblioteca Nacional. Biblioteca Nacional Digital – BNDigital. **O Tico-Tico**. 2015. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-tico-tico/>. Acesso em: 03/12/2020.

CAMPOS, Rafaely Karolynne do Nascimento; PEREIRA, Ana Lúcia da Silva. Primeiras iniciativas de educação da infância brasileira: uma abordagem histórica (1870 - 1940). *In: Congresso Nacional de Educação - EDUCERE*. Anais eletrônicos. Curitiba: PUCPR, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ifs.edu.br/biblioteca/bitstream/123456789/609/1/Primeiras%20iniciativas%20de%20educacao%20da%20infancia%20brasileira.pdf>. Acesso em: 01/12/2020.

CARDOSO, Athos Eichler. **Memórias d'O Tico-Tico Juquinha, Giby e Miss Shocking**. Quadrinhos brasileiros 1884 – 1950. vol. 123. Brasília: Senado Federal, 2013. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/521243>. Acesso em: 29/12/2020

CERTEAU, Michel de. “Introdução geral”; “Ler: uma operação de caça”. *In: A invenção do cotidiano*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 17ª ed. Petrópolis: Vozes, Rio de Janeiro, 2011. p. 37-51; 236-248.

CHALMEL, Loic. **Imagens de crianças e crianças nas imagens**: representações da infância na iconografia pedagógica nos séculos XVII e XVIII. vol. 25, n. 86. Campinas: Educ. Soc, 2004. p. 57-74, abr. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v25n86/v25n86a05.pdf>. Acesso em:

CHARTIER, Roger. **A história Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. *In: Estudos Avançados*. v. 24, n. 69. [S. l.], 2010. p. 6-30. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10510>. Acesso em: 25/11/2020.

COSTA, Alice Santos; ALMEIDA, Cíntia Borges. O Tico-Tico: espaço de entretenimento e representação da prática escolar republicana. *In: SILVA, Márcia Cabral da; BERTOLETTI, Estela Natália Mantovani. (Orgs.) Literatura, leitura e educação*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2017. p. 99-132. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/5gg44/pdf/silva-9788575114971-05.pdf>. Acesso em: 20/11/2020.

FNDC, Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação. “**O Tico-Tico**” em revista. 2006. Disponível em: <http://www.fndc.org.br/clipping/o-tico-tico-em-revista-15062/>. Acesso em: 03/12/2020.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. História da Educação e História Cultural. *In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thais Nívia de Lima e (Orgs.) História e Historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FREITAS, Richardson Santos de. Estúdio Nanquim. **O Tico-Tico**. Disponível em: <https://nanquim.com.br/o-tico-tico/>. Acesso em: 03/12/2020.

FRONTISPÍCIO, *In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, 2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/FRONTISP%C3%8DCIO>. Acesso em: 27/11/2020.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância**: da Idade Média à Época Contemporânea no Ocidente. Porto Alegre: Artmed, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v35n125/a1435125.pdf>. Acesso em: 01/12/2020.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

LOBO, Eulallia. Maria Lahmeyer, *et al.* Evolução dos preços e do padrão de vida no Rio de Janeiro, 1820-1930 – resultados preliminares. *In: Revista brasileira de Economia*. Rio de Janeiro: FGV, 1971. v. 8, p. 235/265, out./dez. Disponível em:

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbe/article/view/67/6249>. Acesso em: 12/11/2020.

LUSTIG, Andréa Lemes, *et al.* Criança e infância: Contexto histórico social. **IV Seminário de grupos de pesquisa sobre criança e infâncias: Ética e diversidade na pesquisa.** Goiânia: CEGRAF, 2014. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/693/o/TR18.1.pdf>. Acesso em: 01/12/2020.

MENDES, Alessandro Araújo. Considerações sobre as representações de criança e infância nos oitocentos e novecentos. [entre 2009 e 2019]. **Clóquio Internacional Educação e contemporaneidade.** v. 6. Anais eletrônicos. São Cristóvão: EDUCON, 2012. Disponível em: http://educonse.com.br/2012/eixo_10/PDF/2.pdf. Acesso em: 29/11/2020.

MENNA, Lígia Regina Máximo Cavalari. **A literatura infantil além do livro:** contribuições do jornal português O senhor doutor e da revista brasileira O Tico-Tico. 310 p. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-07122012-105735/pt-br.php>. Acesso em: 27/11/2020.

MOLERO, Erico. **Tico-Tico**, o nº 1. Guia dos Quadrinhos, 2007. Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/tico-tico-o-n-1/ti173100/24467>. Acesso em: 02/12/2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Organização Internacional do Trabalho. **O trabalho infantil no Brasil.** Disponível em: https://www.ilo.org/brasilia/temas/trabalho-infantil/WCMS_565212/lang--pt/index.htm. Acesso em: 30/11/2020.

O MALHO. Semanário Ilustrado de Maior Circulação no Brasil. Preço avulso disposto na capa (300 Rs). Nº 122, 14/01/1905. (BN-HD)

O MALHO. Semanário Ilustrado de Maior Circulação no Brasil. Preço das assinaturas. Nº 121, 07/01/1905, s/p. (BN-HD).

PATROCLO, Luciana Borges. As mães de famílias futuras: a Revista o Tico-Tico e a formação das meninas brasileiras (1905-1925). **Cadernos de História da Educação.** 2019. p. 731-748. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/51743>. Acesso em: 30/11/2020.

PEREIRA, Marcos Villela; RIOS, Diogo Franco. Uma análise de imagens de capa da revista atualidades pedagógicas: Por uma estética escolar na década de 1950 no Brasil. **Revista História da Educação.** v. 20, n. 49, p. 187-208. Porto Alegre: 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/heduc/v20n49/2236-3459-heduc-20-49-00187.pdf>. Acesso em: 29/11/2020.

PERES, Fabiana Costa; MARINHEIRO, Edwylson de Lima; MOURA, Simone Moreira de. A literatura infantil na formação da identidade da criança. **Revista Eletrônica Pró-Docência/UEL**. jan-jun. 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope/pages/arquivos/SIMONE%20MOURA-FABIANA-EDWYLLSON%20-%20pedagogia.pdf>. Acesso em: 28/11/2020.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. História da saúde mental infantil: a criança brasileira da Colônia à República Velha. *Revista Psicologia em estudo*. v.11, n.1, p.29-38. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722006000100004&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 30/11/2020.

STUANI, Priscila. **Entenda o poder das imagens no marketing**. [S. l.]: Alura, 2017. Disponível em: <https://www.alura.com.br/artigos/entenda-o-poder-das-imagens-no-marketing>. Acesso em: 30/11/2020.

TICO-TICO é ave vista com facilidade e dá pulos no solo em busca de comida. **G1**. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/fauna/noticia/2016/07/tico-tico-e-ave-vista-com-facilidade-e-da-pulos-no-solo-em-busca-de-comida.html>. Acesso em: 27/11/2020.

TICO-TICO, *In*: Dicionário Online do Google. Disponível em: https://www.google.com/search?xsrf=ALeKk037AZYXNTbxPmy_xZLSPLWgLPnIRw%3A1607029686908&ei=tIPJX9v-NtDZ5OUP2rKF0Ao&q=significado+de+tico-tico&oq=sign&gs_lcp=CgZwc3ktYWIQARgAMgQIlxAnMgQIlxAnMgQIlxAnMgclABCxAXBDMgQIABBDMgQIABBDMgQIABBDMgYIABAKEEMyBAgAEEMyBAgAEEM6BAgAEE dQth5Yth5g1CdoAHACeACAAdEBiAHRAZIBazltMZgBAKABAaoBB2d3cy13aXrIAQjAAQE&scient=psy-ab. Acesso em: 01/12/2020.

VASCONCELLOS, Lícia Maria Vieira; CAETANO, Vítor Nunes. Diálogo entre representação social e identidade: considerações iniciais. **IX Simpósio Educação e Sociedade Contemporânea: desafios e propostas**. A Escola e seus Sentidos. Rio de Janeiro: UERJ, 2014. Disponível em: http://www.cap.uerj.br/site/images/trabalhos_espacos_de_dialogos/13-Vasconcellos_e_Caetano.pdf. Acesso em: 25/11/2020.

VELASQUEZ, Muza Clara. **O Tico-Tico**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/tico-tico-o>. Acesso em: 02/12/2020.

VERGUEIRO, Waldomiro. **O Tico-Tico completa 100 anos**. Omelete, 2014. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/quadrinhos/io-tico-ticoi-completa-100-anos>. Acesso em: 03/12/2020.

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos. A postura educativa de O Tico-Tico: uma análise da primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos. *In*: **Comunicação & Educação**. [S. l.], v. 13, n. 2, p. 23-34, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/42300>. Acesso em: 03/12/2020.